



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SILVIO RICARDO DA SILVA**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-768

**Entrevistado:** Silvio Ricardo da Silva

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Hotel Mercure – Belo Horizonte

**Entrevistadoras:** Pamela Siqueira Joras e Luiza Loy Bertoli

**Data da entrevista:** 27/04/2017

**Transcrição:** Luiza Loy Bertoli

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa de Termos:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 33 minutos e 48 segundos

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SILVA, Silvio Ricardo da. Entrevista concedida por Silvio Ricardo da Silva ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Luiza Loy Bertoli. UNIVASF, UFRGS, Belo Horizonte (MG), 27 abr. 2017, 14.p.

## **Sumário**

Formação acadêmica em Educação Física; Envolvimento com o lazer; Programa Esporte e Lazer da Cidade; Atuação na Rede Cedes; Formação de agentes sociais de esporte e lazer; Políticas Públicas; Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Sugestões para a qualificação do Programa.

Belo Horizonte, 27 de abril de 2017. Entrevista com Silvio Ricardo da Silva a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Luiza Loy Bertoli para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Eu queria te agradecer, Silvio, por dispor do teu tempo para conversar conosco.

S.S. – Prazer.

P.J. – Para iniciar, eu queria que tu falasse um pouquinho da tua formação e como que essa temática do lazer foi aparecendo na tua trajetória?

S.S. – Então, eu me formei em Educação Física em 1984, pela Universidade Gama Filho, na época era licenciatura só, depois eu fiz uma especialização na UERJ<sup>1</sup> em Educação e Reeducação Psicomotora, em 1987, e depois fui para Santa Maria<sup>2</sup> fazer um mestrado na área de Crescimento e Desenvolvimento Humano no Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, depois em 1997, eu ingressei no doutorado na UNICAMP<sup>3</sup> e tive a oportunidade agora, em 2015, de fazer um pós-doutorado. Tudo tinha sido na Educação Física, o pós-doutorado foi na área das Ciências Sociais na Universidade de Valência, na Espanha. O lazer aparece, justamente, por uma oportunidade de concurso que se deu em 1991, na Universidade Federal de Viçosa, era na área de Recreação que, era uma área, a princípio, bem limitada, uma área muito tecnicista, mas eu já tinha acesso através do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte a uma discussão que se referia mais ao lazer. Foi mais especificamente em 1989, em um Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, em Brasília, onde eu vi a fala do Marcellino<sup>4</sup>, trazendo uma perspectiva mais ampla dos estudos de lazer, que era o que existia na UNICAMP. Através daquela primeira turma de especialização lá que foi em 1989, ou 1988, 1989 por aí, e aí eu afirmo que realmente nós aqui, iniciamos os estudos de lazer no Brasil, mais efetivamente, então, foi isso, foi uma oportunidade profissional e a partir daí eu comecei a estudar, eu passei nesse concurso em Viçosa, fiz a minha... Fiquei lá durante quatorze anos e como professor, eu já mudei a nomenclatura da área de recreação para a área de lazer e depois aperfeiçoei esses estudos

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Município do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>4</sup> Nelson Carvalho Marcellino.

no doutorado, já com o Marcellino que era uma grande referência da área. E a área também cresceu, daí eu tive oportunidade de coordenar o Grupo de Trabalho Temático do CBCE<sup>5</sup>, o GTT, e tanto foi na minha gestão que nós conseguimos mudar que era Recreação e Lazer para Lazer e Sociedade. E depois, ao entrar na UFMG<sup>6</sup> em 2006, aí me foi permitido uma visão ainda mais ampla, através da minha inserção no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos de Lazer, que antigamente era só, mestrado em lazer, e também através do PELC<sup>7</sup> que também foi uma oportunidade de pensar muito. Então até hoje trabalho com o campo do lazer, estou indo daqui a pouco dar aula de lazer, então é um tema de reflexão constante.

P.J. – E, como tu já comentou um pouquinho, como tu conheceu o PELC, como que iniciou o teu envolvimento propriamente com ele nesse programa?

S.S. – Então, nós que somos da “quase velha-guarda” da Educação Física, nós vimos com a vitória do Lula<sup>8</sup> em 2002 e a posse em 2003, nós vimos uma reestruturação no que se refere as políticas de esporte e lazer, e acompanhamos com muita alegria a ideia do surgimento da Rede CEDES<sup>9</sup> e, conseqüentemente, depois também outras iniciativas entre elas o PELC. Eu tinha conhecimento sobre esse programa... Esse programa, na verdade, ele era um pouco, vamos dizer assim, fechado para algumas pessoas que tinham acesso, não era tão amplamente aberto para se trabalhar nele, e quando houve uma mudança na gestão do Ministério do Esporte e a Rejane<sup>10</sup> acabou sendo a Secretária, ela se preocupou em mudar um pouco o sistema de formação dos agentes, que era um sistema quase que um balcão, onde as pessoas, os próprios núcleos buscavam os formadores para irem lá, darem uma formação, sem isso ter um eixo comum muito claro e a UFMG passou a se responsabilizar por essa formação do PELC. No que a UFMG passou a se responsabilizar, o Helder<sup>11</sup> me convidou para fazer parte do projeto, auxiliando, coordenando esse processo de formação.

---

<sup>5</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>6</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>7</sup> Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>8</sup> Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil.

<sup>9</sup> Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

<sup>10</sup> Rejane Penna Rodrigues.

<sup>11</sup> Helder Ferreira Isayama.

P.J. – E nesse início, como foi pensado esse projeto de formação desses agentes?

S.S. – Nós abrimos um edital... Pode ser que eu me esqueça de alguma coisa aqui. Nós abrimos um edital para os formadores que quisessem se candidatar, acabamos tendo um banco de formadores, um grupo, não um banco, mas um grupo de formadores, e esse grupo de formadores estava sob nossa administração e sob nossa formação também. Aí nós tínhamos dois a três eventos anuais com esses formadores e nós também fazíamos um retorno constante sobre as propostas de formação e sobre os relatórios da formação, e por vezes também nós visitávamos, frequentávamos algumas formações desses formadores para poder acompanhar em bloco como ela estava acontecendo.

P.J. – Essa proposta, ela sofreu algumas alterações?

S.S. – Sim.

P.J. – Com o tempo, a questão da avaliação, enfim, desse processo dos formadores, como que tu enxerga essa mudança e por que ocorreram essas mudanças? Quais foram as principais demandas dessa coordenação da formação?

S.S. – Essa é uma pergunta complexa. Eu entendo que essas mudanças, obviamente, que elas se deram a partir de uma reflexão, boa parte delas se deram em função de uma reflexão constante que nós fazemos nos próprios encontros. Então, a título de exemplo, eu lembro que nós sempre achávamos que os núcleos ficavam um pouco isolados e que precisávamos de ter uma presença mais constante nesses núcleos, e aí foi a ideia de ter aquela figura regional que hoje se chama...

P.J. – O articulador.

S.S. – O articulador. Obrigado! O articulador regional, o articulador regional que era uma... Então, por exemplo, isso veio muito da nossa experiência de ida à campo, visita às instituições, de conversa com os formadores e também das nossas reuniões coletivas que nós vemos isso. Então, eu acho que uma das mudanças se deu por conta disso, o tempo passa, são muitos anos, e nós sempre na busca de tentar melhorar. Outra, eu entendo que

houve também um aumento da demanda de maneiras de formação. Então, essa coisa da EAD<sup>12</sup>, por exemplo, é uma ideia de uma educação continuada, onde que essa informação chegasse àquele cara que está lá no interior, que está longe do processo de formação, mas que ele teria ali uma possibilidade de formação constante. Outra, algumas coisas se dão por ordem política mesmo, ou seja, até pela própria manutenção do projeto, você tem que fazer alguns acordos, os projetos têm influência política muito grande, você tem que fazer alguns acordos e esses acordos, por vezes, trazem demandas na forma, no proceder cotidiano de um projeto. Isso também acabou influenciando, eu acho que isso é um outro dado que acaba chegando ao projeto e nós não podemos achar que foi só por questões de ordem acadêmica, administrativa, mas também por questões de ordem política, alguns ajustes precisaram ser feitos e aí nós temos esse modelo de hoje. Obviamente que eu entendo que os modelos de formação, modelos de administração, estão sempre em constante processo de mudança e eu acredito que enquanto o projeto existir, isso vai continuar acontecendo, é uma tendência.

P.J. – Existem grupos de formadores separados por região, que tu comentaste, junto com articulador, é o mesmo número de formadores por região, ou existe uma circulação entre eles pelo país?

S.S. – Não, não, não. Não é o mesmo número não. Eu estou mais na Rede CEDES, estou um pouco mais afastado do PELC, mas até onde que eu sabia, até onde que eu estava junto, dependia da demanda; então regiões que, como por exemplo, região Sudeste, região Nordeste, tinham mais demandas, então tinham mais formadores, então... Região Norte, por exemplo, menos, então isso variava de acordo.

P.J. – E as temáticas abordadas nesses cursos de formação, elas são elencadas em grupo, ou cada região, ela tem sua autonomia para elencar essas temáticas por região?

S.S. – Interessante. É, não. Tem coisas que são em comum, tem temas que são em comum, sobre a própria organização do projeto, então, sobre a discussão conceitual de lazer, sobre... E tem coisas que são regionalizadas. Então, você veja que o Brasil é muito grande, e a região Sul, óbvio, vocês conhecem bem, absolutamente distinta na sua cultura da região

---

<sup>12</sup> Educação à Distância.

Norte, e aí essas adequações são feitas também com a formação que nós temos com os povos tradicionais. Eu tive a oportunidade de ir em uma formação, em uma tribo, passamos três dias lá no Mato Grosso e houve toda uma adaptação também para ser feita, então isso acontece.

P.J. – Falar um pouco sobre as visitas. Me conta um pouco de como é, como ocorrem essas visitas, se existe algum cronograma que vocês seguem para...

S.S. – Então, eu posso só falar do tempo em que eu estava, na verdade, como coordenador, que isso foi até 2014, coordenador dessas formações, depois eu não sei. Mas era uma coisa que eu gostava muito de fazer, de ir lá na ponta, e aí você via claramente quando um projeto ia andar e quando ele não ia andar porque você sentia o grupo que você tinha lá. Se era um grupo que tinha condição ou não, você sentia que aquela formação tinha atingido o grupo ou não, você sentia as forças políticas da região, então é... Você sentia a condição do grupo de agentes de assimilar aquilo, então, eu gostava muito,, e nós procurávamos revezar um pouco e nos revezar também e, principalmente, dar atenção àqueles núcleos que tinham histórico mais problemático, entendeu? Era isso.

P.J. – E dessas tuas experiências, tu tem alguma assim que tu destacaria como mais positivo ou mais negativo em relação a esse processo que tu tem comentado?

S.S. – Você está falando das visitas, não?

P.J. – Isso.

S.S. – Das visitas. Teve uma formação, essa formação que eu fui com a Carmen Lilia<sup>13</sup>, a Rejane e a Ana Elenara<sup>14</sup>, com a tribo dos... Esqueci qual é a tribo indígena lá no Mato Grosso, e sei que nós andamos quinze horas de ônibus de Brasília lá para dentro, e assim, me fez pensar muita coisa, questionar muita coisa, pensando que aquela população já sofria muitas intervenções, intervenções da igreja, intervenções... Todo mundo achava que podiam intervir ali e eu fiquei questionando um pouco sobre a nossa intervenção, se ela era

---

<sup>13</sup> Carmen Lilia da Cunha Faro.

<sup>14</sup> Ana Elenara da Silva Pintos.



válida ou não. Foi uma formação muito importante para mim. Teve uma outra que eu fiz com o Coriolano<sup>15</sup> lá na Bahia, que eu acompanhei com o Coriolano, uma formação em uma área de vulnerabilidade social muito grande, de risco, e aí vendo aquelas adolescentes sonhando em ser mulher de traficante assim, os próprios adolescentes sonhando em poder estar na *gang* do traficante, lá foi pesada, é um choque de realidade muito grande, você parar e perceber isso, e aí você, pelo contrário, aí você aposta até no projeto, o projeto pode trazer alguma coisa. Eu não sou nem pessimista, nem otimista demais, eu entendo que a presença desse projeto é super importante, mas nós temos que ver cada uma dessas realidades. Ele não é importante no global, ele é importante amiúde, ou seja, em cada uma das realidades ele pode ser importante ou não, e aí vai depender muito da forma como ele chega, da forma como ele é implantado, da forma como ele é discutido com a população. O maior barato é que eu acho que continua sendo um grande desafio, um grande desafio fazer ele acontecer. E aí, para fazer ele acontecer, também tem a ver com isso que vocês estão fazendo que é um pouco, de dar um *status* a ele, e fazer até que as pessoas entendam que ele é importante, as pessoas fora desse meio que nós vivemos, e aí você tem toda essa articulação política, hora cai secretário, vem secretário, sai ministro, volta ministro. Então tem sido um desafio muito grande, eu sempre falo para o Helder: “Meu irmão, não sei como é que você aguenta nessa coordenação, porque eu não sei se eu teria essa capacidade não, porque são tantas coisas que você tem que equilibrar”, mas é isso. Eu acho que ir à realidade todo mundo deveria ir, todo mundo que passa pelo projeto deveria ir, porque elas são bem distintas assim, cada núcleo é um núcleo, cada projeto é um projeto, e acho que vale a pena, para mim, uma das melhores coisas do projeto, foi isso.

P.J. – Tu comentou agora sobre essa diferença, existe uma diferença entre os agentes sociais que estão lá na ponta?

S.S. – Sim.

P.J. – Em diferentes níveis de formação, como que é desenvolvido, mais propriamente na área dos estudos do lazer, esses conceitos com esses diferentes públicos?

---

<sup>15</sup> Coriolano Pereira da Rocha Júnior.

S.S. – Os nossos formadores são bons, são muito bons até e aí eles conseguem, na sua maioria, eu acho que os que eu acompanhei, eles conseguem fazer uma adequação dessa linguagem, dessa realidade, através da realidade lá vivida. Tem lugar que é forte a questão da luta, tem lugar que é forte a questão do futebol, tem lugar que é a forte a questão da dança, tem lugar que é forte a questão dos projetos da terceira idade, bom, e aí, eu acho que eles conseguem fazer isso bem. Esses formadores, na sua maioria, eles têm um histórico de experiência que permite adequar bem essa conversa à realidade, é uma coisa que eu também sei fazer, eu não sou acadêmico de conceitos só, eu tenho esse pé no chão, para caramba assim e isso é uma coisa que eu me preocupo muito, e aí eu acho que isso é conseguido assim, ser feito dentro das formações que eu vi.

P.J. – E, mais assim, na tua opinião, como que essas formações elas têm impactado nos núcleos ao longo do tempo?

S.S. – Essa é uma ótima pergunta, um ótimo tema de pesquisa. Então, volto a dizer que não dá para analisar muito generalizando e cada núcleo é um núcleo. Então, por exemplo, na região Sul, as coisas andavam, de uma maneira geral, muito bem. Aí você vai me dizer “Por que, Silvio?” Não sei, talvez porque exista um nível educacional melhor, a população, instrução, porque existe uma realidade comunitária maior, porque as cidades são menores, são mais organizadas, mas eu via que funcionava bem. E tinham lugares que você... Os formadores mal iam e quando implantavam o projeto, aquele grupo de formadores que participou da formação já não existia mais, era outro grupo, ou seja, não impactou *coisa nenhuma!* Essa é a questão. Então, as formações eram interessantes, eu vi coisas assim, das pessoas se emocionarem, chorarem, mexer muito com as pessoas, porque é difícil você ficar incólume a um processo de imersão, quando você... Quando eles se envolviam, realmente impactava, porque fazia pensar sobre uma série de coisas, sobre valores, pensar sobre preconceitos, pensar sobre a vida deles, o tempo deles dedicado ao lazer, então impactava. Agora, quando eles não... Até eu sempre fui muito defensor de um rigor maior com os núcleos sobre a questão da formação, eu sempre fui muito duro com isso. Eu dizia que tinha que eliminar o núcleo se a formação não acontecesse bem, porque quando o sujeito não está disposto, ele vai lá aparece um pouco, vai embora da formação, aí não impacta nada. Então isso varia muito.

P.J. – O PELC ele tem...

[INTERRUPÇÃO DE ENTREVISTA]<sup>16</sup>

P.J. – Então, voltando. O PELC ele tem esse, não digamos o papel, mas ele desenvolve, ele é mais voltado para a inclusão social. Na tua opinião, ele vem cumprindo com esse papel e se está, por quê?

S.S. – Essa palavra inclusão social, ela é... Esse conceito desse tema ele é um pouco complicado se a gente for pensar juntos aqui, porque existem tantas variáveis para o sujeito se sentir incluído socialmente ou não, será que... Eu acho que mais [riso], mais do que uma questão social, é uma questão individual, que é a pessoa se sentir com direito ao lazer, que talvez, coletivamente, isso seja uma questão social. Mas eu, acompanhando em algumas formações os depoimentos de pessoas que vivenciaram o projeto, que tiveram essa oportunidade, as pessoas falavam muito isso: “A minha vida mudou”. E, não necessariamente, essa pessoa não era incluída socialmente, presta atenção, mas é uma senhora que ficou viúva e que estava triste, e que na sua vida nunca pensou nas questões do corpo, e aí ela começa a participar do projeto, ela começa a pensar sobre isso. Então assim, eu acho que isso é um outro tema sobre a questão da inclusão social que eu não posso falar, realmente que isso tenha acontecido, até porque eu acho que há muitas discontinuidades: o projeto acontece um ano, acontece dois, não acontece mais, o município não investe, muda a prefeitura, mas eu acho que do ponto de vista da individualidade, sim, acho que tem um impacto grande.

P.J. – E na tua opinião, o que poderia ser feito a partir da tua experiência, o que poderia ser feito que pudesse qualificar mais o programa?

S.S. – Eu entendo que o Programa, precisava de um apoio midiático grande, então... Temos uma maior divulgação, acho que isso é importantíssimo, ou seja, imagina se uma rede dessas aí de TV divulga esse programa e aí para os municípios quererem ter esse programa. Nós temos um problema muito que sério que é o problema da formação dos gestores, que é um... A maioria dos convênios são municipais e tu vai nas prefeituras, os

caras são horrorosos, vamos ser sinceros, você tem gente analfabeta responsável pelo projeto. Então, eu acho que se nós tivéssemos mais recursos, mais força midiática, acho que nós conseguiríamos até influenciar mais nessa questão *de quem* vai receber esse projeto. Acho que o rigor em quem vai receber o projeto é muito importante. Aqueles dados que a Márcia<sup>17</sup> trouxe, não sei se você acompanhou lá, mas eles são interessantes, ou seja, às vezes os municípios mais carentes, não receberam o projeto e por que não receberam? Porque tem esse problema de como fazer um projeto, como gestar e coisas e tal. Então, essa questão é complexa, mas eu acho que o grande entrave está aí, na gestão municipal e na forma da condução do projeto, e isso é um... Eu acho que nós deveríamos tentar dissolver e, talvez, se nós estivéssemos em uma maior inserção midiática, se esses canalhas aí da mídia dessem notícias de coisas legais, nós pudéssemos ter uma maior pressão sobre os municípios, para uma melhor gestão para receber o projeto, basicamente, eu acho que é isso.

P.J. – E na tua opinião, o que tu destacaria do PELC em geral?

S.S. – Justamente, a formação, quando ela acontece. Eu acho que a Silvana<sup>18</sup> também trouxe um dado ali interessante, a quantidade de acessos que se dá lá no Repositório<sup>19</sup>, então eu acho que tanto essa coisa da EAD que a gente está fazendo, eu acho que de uma maneira ou de outra, essas formações vêm impactando em uma consciência sobre a ideia do lazer, sobretudo do lazer, o direito ao lazer, o direito a prática corporal, enfim. Eu acho que isso é uma coisa importante, eu acredito nisso. Outra coisa é... Um segundo ponto que eu queria destacar, é o próprio desenvolvimento do campo de estudos sobre políticas sociais de esporte e lazer, eu acho que acabou impactando muito. Esse grupo que nós formamos aqui, eu não estou mais no PELC, estou na Rede CEDES agora, mas eu vim aqui, porque eu adoro ver essas pessoas, estar com elas. Nós formamos uma irmandade, uma coisa legal, uma relação legal, que isso, para o campo dos estudos, isso ninguém tira. Acho um ponto importantíssimo.

---

<sup>16</sup> Conversa com uma pessoa que entrou na sala.

<sup>17</sup> Márcia Miranda Soares.

<sup>18</sup> Silvana Vilodre Goellner.

<sup>19</sup> Referência a Coleção Projetos Sociais da Comunidade Centro de memória do Esporte no LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

P.J. – Tu ficou no PELC de que período a que período?

S.S. – De 2010 a 2015, aí fiquei 2015 fora, voltei em 2016 na EAD e agora, em 2017, estou na Rede CEDES.

P.J. – Então Silvio, tu queria fazer mais alguma consideração, ou dizer alguma coisa que a gente não perguntou que tu gostaria de compartilhar?

S.S. – Não, eu acho que estou legal.

L.B. – Silvio, eu tenho uma pergunta. Na verdade, eu queria saber se tem algum tipo de cronograma que vocês seguem para fazer reuniões para colocar algumas mudanças que vocês acham, melhorias. Se tinha quando tu estava participando. Um cronograma para visitas, para vocês verem como está funcionando o trabalho nas cidades, em tudo, na verdade não só os coordenadores. Mas se tem um cronograma que vocês seguem para organizar esse tipo de coisa?

S.S. – Tem uma ideia: “Vamos fazer três encontros por ano”. E tem a real [riso] que é a grana e a disponibilidade... Não tem agenda, não tem grana, daí se faz um, dois encontros, a mesma coisa se dá com o processo das visitas. Então acaba sendo isso, é nesse cruzamento daquilo que a gente acha ideal, o ideal era que cada núcleo recebesse uma visita, pelo menos, durante o processo, e o que for possível em função das agendas, em função da grana.

L.B. – E essas reuniões normalmente eram de coordenadores, só os coordenadores participavam?

S.S. – Não. Nós inclusive nós convidávamos formadores, não, espera aí. Coordenadores somos nós aqui! Os formadores, que era uma reunião *para* os formadores, uma reunião de formação dos formadores e, por vezes, convidávamos também os agentes porque eles estavam na ponta, para fazer um relato, então, tem muitos relatos legais que eles acabam trazendo. Então cada reunião dessa, ela tinha um formato diferente, mas sempre com essa

perspectiva de cada vez mais formar aqueles que estão envolvidos no processo, e aí todo mundo aprendia com isso. Beleza?

P.J. – Beleza, Silvio. Obrigada!

S.S. – Então tá bom. Bom estar com vocês aí. Se precisar de alguma coisa, só entrar em contato.

[FINAL DA ENTREVISTA]